

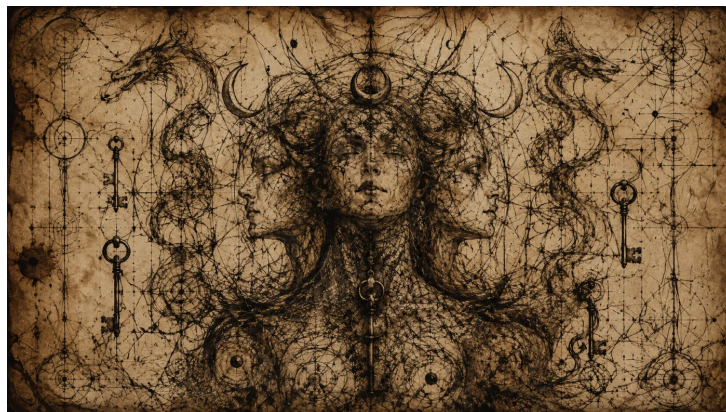
Hécate como Arquétipo: Spare, Carroll e a Psicologia do Oculto

Spare, Carroll e a psicologia do oculto.

*O que acontece na mente quando alguém acende uma
vela na encruzilhada.*

Fábio Costa · Mestre em Física, Teólogo e Magista

7 de junho de 2026



Há uma deusa que não mora em lugar nenhum. Hécate não tem um templo central como Atena tem o Partenon, nem governa um elemento como Poseidon governa o mar. O território dela é a passagem: a soleira da porta, o cruzamento de três estradas, a fronteira entre o sono e a vigília, entre o vivo e o morto. Os gregos a colocavam exatamente onde duas certezas se encontram e nenhuma vence.

Sou físico, e a pergunta que me interessa não é se Hécate existe. É outra, mais reveladora: **por que uma imagem inventada há dois mil e quinhentos anos continua funcionando dentro da mente de quem acende uma vela na encruzilhada?** Para responder, preciso convocar dois nomes improváveis. Um artista londrino que transformou desejo em rabisco. E um ocultista com formação científica que disse, sem rodeios, que a crença não é uma verdade. *É uma ferramenta.*

PARTE I

A deusa das três faces

Hécate aparece na mitologia grega como uma figura estranhamente livre. Filha de titãs, sobreviveu à guerra que derrubou sua geração e manteve poder sobre os três domínios: o céu, a terra e o submundo. Nenhuma outra divindade circula tão livremente entre os planos. Ela é o que os estudiosos chamam de deusa liminar, a guardiã daquilo que fica *entre*.

A imagem mais célebre dela é a *triformis*: três corpos, ou três faces, voltados para direções diferentes. Os antigos

colocavam essas estátuas, chamadas *hecataea*, em encruzilhadas e portões, nos pontos exatos onde os caminhos se dividem. A tríplice forma não é decoração. Ela diz algo preciso: existe um tipo de poder que só se manifesta no ponto de decisão, quando o futuro ainda é plural e nenhuma estrada foi tomada.

Repare na inteligência simbólica. A encruzilhada é o lugar da angústia humana por excelência, o momento em que é preciso escolher sem garantia. Os gregos não fugiram desse desconforto. Deram a ele um rosto, três tochas e uma matilha de cães. **Transformaram a indecisão em divindade.** E ao fazer isso criaram uma ferramenta psicológica das mais sofisticadas: um símbolo que permite habitar a incerteza em vez de ser esmagado por ela.

A função primária de Hécate era estar nas fronteiras entre mundos, entre estados de ser, e regular a passagem através delas.

É aqui que o físico e o místico se cruzam pela primeira vez. A encruzilhada de Hécate é uma metáfora quase perfeita para um estado de superposição: vários futuros coexistindo até que uma escolha colapse a realidade numa única estrada. Os gregos não tinham mecânica quântica, claro. Mas tinham uma intuição poderosa sobre a natureza da decisão, e a vestiram de deusa.

PARTE II

Spare, ou o desejo virando símbolo

Salte agora para a Londres do início do século XX. Austin Osman Spare, nascido em 1886, foi um prodígio do desenho que expôs na Royal Academy ainda adolescente e

escolheu o caminho mais obscuro possível. Em vez da carreira artística respeitável que tinha à mão, mergulhou no ocultismo e construiu um sistema inteiramente próprio, que batizou de *Zos Kia Cultus*.

Os nomes são herméticos, mas a ideia por trás é límpida. *Zos* é o corpo e a mente tomados como um todo. *Kia* é a consciência mais profunda que sustenta a personalidade. Spare propunha um sistema de autoiniciação que **não pedia deuses, nem templos, nem hierarquia, nem tradição recebida**. Pedia você e o seu próprio inconsciente. Para 1910, isso era radical. Era magia sem igreja.

Sua contribuição mais influente, a técnica mais praticada de toda a tradição ocultista ocidental do século XX, é o **sigilo**. E o mecanismo é tão simples que beira o absurdo:

Um. Formule o desejo numa frase curta e afirmativa. **Dois.** Remova as letras repetidas, reduzindo a frase ao seu conjunto mínimo de letras. **Três.** Funda essas letras num único símbolo abstrato, que não deve lembrar em nada o desejo original. **Quatro,** e este é o passo decisivo: afunde o símbolo no inconsciente e *esqueça o que ele significava*.

Por que esquecer? Porque, para Spare, o problema do desejo é o próprio querer consciente. Quando você deseja algo com intensidade e fica ruminando esse desejo, a mente consciente, que ele chamava de *censor psíquico*, interfere, duvida, sabota. O sigilo é um truque para contrabandear a intenção pela alfândega da razão. Convertido em forma abstrata e esquecido, o desejo deixa de ser vigiado e passa a operar no porão da psique.

Você não precisa acreditar em nenhuma força astral para reconhecer o que está descrito aqui. Spare antecipou, na linguagem do ocultismo, ideias que a psicologia levaria décadas para formalizar: o poder do processamento inconsciente, o efeito de fixar uma intenção e depois soltá-la, a maneira como a atenção condicionada reorganiza a percepção e faz você notar oportunidades que sempre estiveram ali. Ele chamou isso de magia. Um psicólogo cognitivo chamaria de outra coisa. *Talvez estejam apontando para o mesmo fenômeno.*

PARTE III

Carroll, ou a crença como ferramenta

Spare morreu em 1956, relativamente esquecido. Sua ressurreição veio nos anos 1970, quando um jovem inglês com formação em física, Peter J. Carroll, pegou a técnica do sigilo e a inseriu num sistema novo, enxuto e deliberadamente provocador. Em 1978, Carroll e Ray Sherwin anunciaram a fundação dos *Illuminates of Thanateros*, e os livros *Liber Null* e *Psychonaut*, reunidos em 1987, tornaram-se a pedra fundadora do que se chamaria **magia do caos**.

A magia do caos despiu o ocultismo ocidental de quase tudo: das vestes cerimoniais, das hierarquias, das cosmologias herdadas. O que sobrou foi um núcleo funcional e duas ideias centrais. A primeira é a *gnose*, um estado alterado de consciência em que o diálogo interno silencia. Carroll observou que esse estado pode ser alcançado de dois modos opostos: pela inibição, com silêncio e imobilidade levados ao extremo, ou pela excitação, com intensidade, exaustão e êxtase. Em ambos,

abre-se uma fresta na conversa mental incessante, e é nessa fresta que o sigilo de Spare é plantado.

A segunda ideia é a mais perturbadora, e a mais libertadora. Carroll afirmou, com todas as letras, que **a crença não é uma verdade a ser defendida, mas uma ferramenta a ser usada**. A magia opera dentro de paradigmas, sistemas de crença, e a tarefa do mago não é encontrar o paradigma correto, e sim tornar-se hábil em transitar entre eles. Hoje você opera dentro do paradigma de Hécate. Amanhã, dentro do paradigma da neurociência. Depois, de nenhum. A crença vira uma roupa que se veste para a ocasião e se tira depois.

Por que isso importa fora do ocultismo? Porque é exatamente o que um terapeuta cognitivo faz ao ajudar você a experimentar uma nova interpretação de um evento. É o que um atleta faz ao adotar uma visualização que sabe ser artificial, mas que funciona. É o que qualquer pessoa faz ao escolher, de propósito, contar a si mesma uma história mais útil. Carroll apenas deu a esse mecanismo um nome cru e o colocou no centro do palco.

PARTE IV

O fio que liga os três

Veja o que aconteceu. Hécate dá a **imagem**: a deusa das encruzilhadas é o rosto antigo da mente diante da escolha, a faculdade de manter mais de uma possibilidade viva antes de decidir. Spare dá a **técnica**: o sigilo é um método concreto de plantar uma intenção abaixo do nível da vigilância consciente. E Carroll dá a **teoria**: a crença é maleável, e o poder está em manejá-la de propósito em

vez de ser manejado por ela.

Os três descrevem, com vocabulários diferentes, o mesmo território: a região da psique onde o significado é fabricado. O ocultista chama de magia. O junguiano chamaria de trabalho com o arquétipo. O cientista cognitivo chamaria de reestruturação da atenção e processamento implícito. As palavras divergem. O terreno é o mesmo.

É tentador encerrar a discussão dizendo que então é tudo psicologia, não há nada de sobrenatural. Mas essa conclusão é preguiçosa nos dois sentidos. É preguiçosa porque trata *psicologia* como se fosse uma explicação trivial, quando o fato de a mente humana conseguir reorganizar a própria percepção a partir de um símbolo desenhado num pedaço de papel é, ele mesmo, espantoso. E é preguiçosa porque ignora que essas tradições nunca prometeram violar a física. Spare falava do inconsciente. Carroll, com formação científica, citava abertamente a indeterminação quântica como um ponto onde o modelo de mundo fechado começa a ranger.

PARTE V

Por que isso ressurgiu agora

Vale uma pergunta. Por que práticas como a magia do caos, o trabalho com sigilos e o culto a deusas liminares voltaram a crescer justamente nas últimas décadas, entre pessoas urbanas, escolarizadas, muitas vezes céticas em relação à religião organizada? A resposta diz mais sobre a nossa época do que sobre o ocultismo.

A magia do caos é, por desenho, **pós-religiosa**. Ela não pede que você abandone a razão científica. Pede que a suspenda por um instante, do mesmo modo que se suspende a descrença ao entrar num cinema. Para uma geração que cresceu desconfiando de dogmas mas sentindo falta de ritual, de símbolo e de transcendência, a proposta é quase sob medida. Você pode operar com Hécate na terça e ler neurociência na quarta sem se sentir hipócrita, porque, no marco de Carroll, nunca houve contradição. Havia apenas *duas ferramentas diferentes para dois trabalhos diferentes*.

Há também um espelho curioso na cultura técnica de hoje. A ideia central da magia do caos, manter sistemas de crença distintos e alternar entre eles conforme o contexto, ecoa o modo como pensamos sobre modelos: representações úteis e descartáveis da realidade, nenhuma delas a verdade, todas julgadas pela capacidade de produzir resultado. Não se trata de dizer que os antigos já sabiam de tudo, porque não sabiam. Trata-se de reconhecer que certas estruturas da experiência humana, a angústia da escolha, o peso do desejo, a fome de significado, são tão estáveis que cada era reinventa, com o seu próprio vocabulário, as mesmas ferramentas para lidar com elas.

PARTE VI

O que fazer com isto

Conhecimento que não muda nada em quem o recebe é só decoração. Deixo, então, três modos de levar essas ideias do texto para a vida, nenhum deles exigindo que você acredite em nada.

Primeiro, trate o símbolo como tecnologia. Quando precisar fixar uma intenção, experimente o procedimento de Spare ao pé da letra, não pela magia, mas pelo mecanismo. Escreva o desejo, reduza-o a um glifo abstrato e pare de pensar nele de forma consciente. O ato de externalizar uma intenção e depois soltá-la tem efeitos documentados sobre foco e percepção. Se quiser chamar de feitiço, chame. Se preferir chamar de técnica de intenção, o resultado é o mesmo.

Segundo, pratique trocar de paradigma de propósito.

Diante de um problema travado, force-se a descrevê-lo dentro de dois marcos incompatíveis. Veja a situação primeiro como um problema puramente prático e depois como um problema simbólico, quase mítico: o que Hécate faria nesta encruzilhada? A graça não está em acreditar no mito, e sim em perceber que enquadramentos diferentes *iluminam aspectos diferentes* da mesma realidade.

Terceiro, respeite a fresta. A gnose, esse intervalo em que o diálogo interno se cala, não é exclusividade de magos. É o instante depois de uma corrida exaustiva, o silêncio fundo de uma meditação, o branco do espanto diante de algo belo. Carroll só nomeou e organizou um estado que você já conhece. Aprender a reconhecer e a habitar essa fresta, sem misticismo obrigatório, talvez seja a habilidade mais transferível de toda essa tradição.

Hécate na encruzilhada, de novo

Voltemos à deusa. Quando alguém acende hoje uma vela para Hécate numa encruzilhada, o que está de fato acontecendo? Várias coisas ao mesmo tempo. Essa pessoa usa uma imagem arquetípica de potência milenar para dar forma a um estado interno, o de quem precisa decidir e ainda não decidiu. Entra numa versão branda de gnose pela via do ritual, da chama, do silêncio do lugar. E faz, queira ou não, uma troca de paradigma, vestindo por aquele intervalo a crença na deusa, porque essa crença organiza a experiência de um jeito que a mera deliberação racional não alcança.

Nada disso exige que Hécate exista do lado de fora do crânio. Mas nada disso a reduz a só imaginação, porque a imaginação, aqui, faz trabalho real: reconfigura como aquela pessoa percebe suas opções, sua coragem, seu próximo passo. **O símbolo é uma tecnologia da consciência.** E tecnologias se julgam pelo que fazem, não pela metafísica que carregam.

Talvez seja essa a herança mais sóbria do ocultismo do século XX, de Spare a Carroll: a suspeita de que a fronteira entre o sagrado e o psicológico foi sempre uma encruzilhada. E que Hécate, fiel à sua natureza, prefere ficar parada exatamente ali, entre as duas estradas, segurando uma tocha para cada uma.

O Chamado de Hécate

Senhora das encruzilhadas e das chaves que abrem os mundos. Se este texto fez sentido para você, ele tem um corpo no mundo físico: um projeto da Ardane Books reunindo baralhos oraculares, livros de estudo e um tabuleiro inspirado no *Strophalos*, a Roda de Hécate. Apoiar a campanha é caminhar com a Deusa, e tirar a teoria do papel.

Referências e leituras

Hesíodo — *Teogonia*, o hino a Hécate (séc. VIII a.C.)

Sarah Iles Johnston — *Hekate Soteira* (1990)

Austin Osman Spare — *The Book of Pleasure (Self-Love):
The Psychology of Ecstasy* (1913)

Kenneth Grant — *The Magical Revival*, sobre o Zos Kia
Cultus (1972)

Peter J. Carroll — *Liber Null & Psychonaut* (1978 e 1982,
reunidos em 1987)

Peter J. Carroll — *Liber Kaos* (1992)

Carl Gustav Jung — *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*
(1959)

Mircea Eliade — *O Sagrado e o Profano* (1957)

Observação metodológica. Este PDF é gerado a partir do mesmo texto publicado em profabio.com.br. Analogia não é prova: as aproximações entre domínios servem para orientar a investigação, não para encerrá-la.

Versão canônica e atualizada: <https://profabio.com.br/heresias/hecate-como-arquetipo>
profabio.com.br